



Setor financeiro expande contratações e investe em IA

Levantamento da Robert Half destaca a crescente demanda por habilidades em dados, IA e gestão tributária à medida que aumentam as vagas no setor financeiro

Aumentar as contratações nas áreas de Finanças e Contabilidade em meio à contínua transformação do setor. Impulsionadas pela crescente demanda por análises estratégicas e pelos avanços da automação, essas funções fortalecem seu papel como parceiras centrais dos negócios.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Robert Half com 100 gestores de contratação das áreas financeira e contábil, Planejamento e Análise Financeira (FP&A) lidera a demanda por profissionais no primeiro semestre de 2026, citada por 58% dos respondentes. Em seguida aparecem Contabilidade (56%), depois Folha de Pagamento e Controle Financeiro, ambos com 41%, e Tributário, com 36%.

Um interesse crescente por funções analíticas e de controle reflete uma gestão financeira mais rigorosa e uma alocação de recursos mais criteriosa. Ao mesmo tempo, áreas mais operacionais, como Auditoria (30%) e Tesouraria (22%), apresentam volumes de contratação relativamente menores.

Áreas funcionais com maior demanda de contratação

- 58% – Planejamento e Análise Financeira
- 56% – Contabilidade
- 41% – Folha de Pagamento
- 41% – Controle Financeiro
- 36% – Tributário
- 30% – Auditoria
- 22% – Tesouraria
- 16% – Riscos & Compliance

A pesquisa também destaca diferenças significativas entre pequenas e médias empresas (PMEs) e grandes



Daniel Maciel.

organizações na forma como estruturaram suas contratações. Para as PMEs, a prioridade é sustentar a operação financeira e garantir a conformidade regulatória. Os profissionais mais buscados são aqueles capazes de organizar a estrutura financeira e assegurar uma gestão segura.

Nas grandes empresas, o foco se desloca para a transformação tecnológica do departamento. O uso de agentes de IA lidera a lista de habilidades mais demandadas, citado por 61% das organizações, seguido pelo uso de soluções de IA generativa (58%) e Excel avançado (57%).

Habilidades técnicas mais demandadas

PMEs

- Análise de Dados (59%)
- Análise Financeira (54%)
- Relatórios Financeiros (53%)
- Planejamento Financeiro e Alocação de Recursos (53%)
- Normas/Leis Contábeis Nacionais (53%)

Grandes empresas

- Uso de Agentes de IA (61%)
- Uso de Soluções de IA Generativa (58%)
- Excel Avançado (57%)
- Análise de Dados (55%)
- Análise Financeira (55%)

“O que estamos observando é uma mudança estrutural na função financeira. Apesar do foco operacional nas contratações, as PMEs vêm valorizando cada vez mais habilidades relacionadas à inovação. O conhecimento em tecnologia e o uso de inteligência artificial estão se tornando diferenciais competitivos em todos os contextos de negócios”, afirma Daniel Brito, gerente da Robert Half.

Habilidades técnicas mais valorizadas

PMEs

- Uso de Soluções de IA Generativa (50%)
- Conhecimento Tributário (49%)
- Análise Financeira (45%)
- Idiomas (45%)
- Relatórios Financeiros (43%)

“O destaque dado ao conhecimento tributário reflete a necessidade de profissionais com visão ampla e capacidade de navegar no complexo ambiente fiscal brasileiro, especialmente no contexto das mudanças associadas à Reforma Tributária”, acrescenta Brito.

Grandes empresas

- Análise de Dados (48%)
- Uso de Soluções de IA Generativa (47%)
- Análise Financeira (46%)
- Idiomas (45%)
- Uso de Agentes de IA (45%)

O preço das conversas que você não está tendo

Tiago Patrício (*)

Executivos não evitam conversas difíceis por falta de preparo ou tempo. Eles evitam porque essas conversas expõem fragilidades

É contenção. As pessoas ajustam o discurso ao que acreditam ser esperado, evitam tensionar ideias e deixam de expor dúvidas que poderiam alterar o rumo de uma decisão.

Questionam decisões, colocam narrativas em dúvida e, muitas vezes, tiram o líder do lugar de controle.

É justamente aí que está o ponto mais sensível. Para muitos executivos, liderar ainda significa sustentar uma imagem de segurança constante. A dúvida, o erro e a revisão de rota continuam sendo percebidos como falhas quando, na prática, são parte inevitável de qualquer decisão relevante. O problema é que, ao evitar esse tipo de diálogo, não se protege a operação. Se compromete a qualidade das decisões.

O investidor americano Ray Dalio, fundador da Bridgewater, levou esse raciocínio ao extremo ao estruturar sua empresa sobre o princípio da “transparência radical”. Dessa forma, decisões importantes não são protegidas do confronto. Elas são deliberadamente expostas a ele.

E a lógica é simples, ainda que desconfortável: quanto mais uma decisão é testada por visões diferentes, maior a chance de sobreviver à realidade.

Por isso, Dalio criou um ambiente onde questionar não é exceção. É regra. Ideias são debatidas de forma aberta, argumentos são testados e a hierarquia perde força quando entra em conflito com a qualidade do raciocínio. Isso muda completamente a dinâmica de decisão.

Na ausência desse tipo de ambiente, o que predomina não é o alinhamento.

O silêncio, nesse contexto, deixa de ser um sinal positivo. Passa a ser um indicador de que algo não está sendo dito. E quando ninguém questiona, o problema não é harmonia e sim limitação.

Com o tempo, esse padrão reduz o repertório do executivo. Ele passa a decidir com base em menos perspectivas, menos dados reais e mais validação implícita. O risco não está apenas no erro, mas na falsa sensação de segurança que antecede esse erro. É assim que decisões aparentemente sólidas carregam fragilidades invisíveis.

Líderes que evoluem de forma consistente entendem isso e fazem um movimento contraintuitivo: se expõem ao contraditório de forma deliberada. Criam contextos onde o confronto não é evitado, mas estruturado. Isso exige mais do que técnica. Exige maturidade para separar questionamento de ataque pessoal e segurança para não depender da validação constante do ambiente. Esse é um pilar da liderança, resolver questões, por menores que sejam, para dar os próximos passos e avançar.

Evitar conversas difíceis preserva o conforto no curto prazo. Mantém a aparência de controle e reduz o desgaste imediato. Mas, no longo prazo, cobra um preço alto. Corrói exatamente aquilo que sustenta uma liderança: a capacidade de tomar decisões robustas diante da complexidade.

(*) Fundador do allhands.

Cinco maneiras de usar o Pix em viagens internacionais e ganhar mais controle financeiro

Solução brasileira ganha espaço no exterior ao diminuir taxas, evitar variações cambiais e simplificar pagamentos do dia a dia.

O planejamento de uma viagem internacional vai além de passagens e hospedagem são gastos normais, mas a forma de pagar também impacta diretamente o orçamento. Nesse cenário, o Pix começa a ganhar espaço como alternativa viável para brasileiros no exterior, já presente em destinos como Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, Costa Rica, Estados Unidos, Portugal, França e Espanha.

Com a expansão desse modelo, viajantes passam a contar com uma opção mais simples e eficiente para lidar com despesas fora do país. A seguir, confira cinco recomendações para utilizar o Pix de forma estratégica durante a viagem. “O Pix já é amplamente utilizado no Brasil e sua aceitação internacional traz uma nova dinâmica para quem viaja, eliminando parte relevante dos custos associados a cartões e câmbio”, afirma Carlos Henrique, CEO da Start Pay. Confira as dicas:

1) Avalie o custo total antes de optar entre Pix e cartão - Apesar da praticidade, o cartão de crédito costuma envolver encargos como



IOF elevado e variação cambial até o fechamento da fatura. Já o Pix, quando utilizado por meio de plataformas habilitadas, tende a oferecer maior previsibilidade de custos. “Pagamentos internacionais via Pix reduzem incertezas e evitam cobranças que muitas vezes passam despercebidas no cartão. Em muitos casos, o impacto só aparece depois, na fatura, o que pode comprometer o planejamento financeiro da viagem”, explica Carlos.

2) Reduza riscos priorizando pagamentos digitais - Transportar dinheiro em espécie ainda é comum, mas expõe o viajante a perdas e riscos de segurança. Com o Pix, as transações são instantâneas, registradas e rastreáveis, o que aumenta a proteção. “O uso do Pix elimina a necessidade de câmbio

imediato, especialmente em aeroportos, onde o turista costuma estar mais vulnerável. Isso traz mais segurança e praticidade desde o início da viagem”, destaca o executivo.

3) Utilize o Pix nas despesas do dia a dia - Pagamentos recorrentes como alimentação, transporte e ingressos podem ser feitos diretamente via Pix, evitando trocas constantes de moeda. “É justamente nas pequenas despesas que o viajante costuma perder mais dinheiro por conta do câmbio. O Pix simplifica esse processo e ajuda a manter o controle sobre os gastos ao longo da viagem”, comenta o especialista.

4) Evite surpresas com variações cambiais - Um dos principais desafios do cartão de crédito internacional é a imprevisibilidade da

cotação, que só é definida no fechamento da fatura. O Pix, por outro lado, permite visualizar o valor final no momento da transação. “Essa previsibilidade é fundamental, especialmente em cenários de volatilidade. O viajante sabe exatamente quanto está pagando, o que facilita o controle do orçamento”, afirma o CEO.

5) Use os comprovantes digitais a seu favor - Todas as transações realizadas via Pix ficam registradas em tempo real, o que facilita o acompanhamento dos gastos. “Ter acesso imediato aos comprovantes ajuda na organização financeira e evita surpresas no retorno ao Brasil. O controle é muito mais eficiente ao longo de toda a viagem”, diz o executivo.

“O uso do Pix fora do país ainda está em fase de expansão, mas já se apresenta como uma alternativa competitiva frente aos meios tradicionais. A tendência é que essa modalidade ganhe cada vez mais espaço, oferecendo ao viajante mais controle, economia e simplicidade na gestão dos pagamentos internacionais”, conclui Carlos Henrique.



www.netjen.com.br

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para

TEL: 3043-4171